

Equipe perde a coerência

A cossados pelo recrudescimento da crise e dispondos de pouco espaço para atuar, os gestores da política econômica não conseguem se entender e, muito menos, formular uma política coerente. O presidente do Banco Central, Francisco Gros, e o secretário Nacional do Planejamento, Pedro Parente, foram visceralmente contrários ao pacote agrícola adotado pelo presidente Collor, com seu crédito farto e barato que põe em risco a política monetária austera.

A política de preços praticada pela secretaria nacional de Economia, Dorothéa Werneck, não contou com o apoio de nenhum outro integrante da equipe, exceto é claro, do próprio Marcílio Marques Moreira. "Ela não fez política, fez marketing" ironiza um colega. Além de não acreditarem na eficácia do controle de preços, os integrantes da equipe consideram "maluquice" a liberação total dos preços dos automóveis, "setor oligopolizado, onde três empresas definem os preços".

A equipe da própria Dorothéa, por sua vez, considerou "maluquice" a maneira como foi feita a mididesvalorização do cruzeiro, pelo pessoal do Francisco Gros. E mais recentemente, na quinta-feira passada, o próprio Marcílio reconheceu que "foi um tiro pela culatra" a taxação em 3% da comercialização do ouro, que fez explodir a cotação do dólar. Anunciou que encaminhará ao Congresso Nacional um projeto de lei para anular o dispositivo do Plano de Custo e Benefícios da Previdência, que determina a nova taxação do ouro.

É assim, aos trancos e barrancos, que os economistas do governo vêm tentando fazer a penosa tra-

vessia até janeiro, sem que o País naufrague na hiperinflação.

Sem autonomia

Além de baterem cabeças, uns com os outros, a equipe econômica tem trombado, também, com o próprio presidente Collor. Há dez dias, quando Marcílio estava na Tailândia, sua equipe desintegrava-se. O secretário de Fazenda Nacional, Luiz Fernando Wellisch, estava insatisfeito com a condução dada à reforma tributária, já que os acertos feitos pelo Presidente com governadores não eram discutidos com a equipe econômica.

Por motivo semelhante, Pedro Parente chegou a confessar a amigos que deixaria o governo. Segundo ele, não estava existindo a clareza de que o Palácio do Planalto daria respaldo à política econômica de contenção de gastos e austeridade monetária e fiscal. O condutor do programa de privatização, Eduardo Modiano, também chegou a sentir-se órfão, quando a primeira tentativa de leilão da Usiminas resultou em completo fracasso.

Essa crise de desânimo e insatisfação parece superada, embora nada tenha sido feito para alterar a situação anterior: ou seja, o pacote agrícola continua de pé, embora ameaçando a política monetária; a política de preços continua sendo a de liberar tudo, inclusive setores oligopolizados; a reforma tributária continua sendo negociada com políticos, sem consultas prévias à equipe econômica. Apenas o programa de privatização teve seu quadro alterado. A venda da Usiminas em leilão realizado quinta-feira passada na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro é indicador seguro de que, agora, ele tem tudo para deslanchar. (M. M.)